

ANTÓNIO: O CARTOONISTA

[ARTIGO]

Paulo Morais-Alexandre

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

António Antunes é um dos mais relevantes cartoonistas mundiais. Apresenta uma produção com características muito próprias e com uma extensão significativa, quer nacional, onde colabora com o importante semanário *Expresso*, quer internacionalmente, com a publicação em periódicos de grande difusão e o averbamento de vários prémios. Ao longo da sua carreira não tem escapado a grandes polémicas, como a havida com Donald Trump, mas lutando sempre por causas que considera justas através da sua Arte.

Palavras-chave: António. Cartoon. Desenho Satírico. Caricatura. Imprensa.

António Antunes, one of the world's most relevant cartoonists, has a body of work characterized by a unique originality and significant reach both nationally, where he has been a permanent collaborator of *Expresso*, and internationally, with publications in widely circulated periodicals such as *Courrier International*, having received several awards. Throughout his career António has been involved in major controversies, as the one with former US president Donald Trump, and has always fought for worthy causes through his Art.

Keywords: António. Cartoon. Satirical Drawing. Caricature. Printed Press.

António Antunes es uno de los dibujantes más importantes del mundo. Su producción tiene características muy específicas y una importante extensión, tanto a nivel nacional, donde colabora con la importante revista *Expresso*, como a nivel internacional, con la publicación en revistas de gran difusión y la obtención de varios premios. A lo largo de su carrera no ha escapado a grandes polémicas, como la de Donald Trump, pero siempre ha luchado por causas que considera justas mediante su Arte.

Palabras clave: António. Historieta. Dibujo satírico. Caricatura. Prensa.

Semanalmente, no Expresso, o António ri de tudo, incluindo (ou especialmente) do que é sagrado. Quando a comédia é entendida como uma agressão, como agora parece ser cada vez mais o caso, rir de tudo pode ser uma vocação perigosa. O traço do António opera uma distorção grotesca sobre a realidade, mas mostra-a com mais clareza do que quando olhamos diretamente para ela. É esse o paradoxo: uma caricatura é um exagero exato. E é por isso que os cartoonistas são (e o António tem-no sido várias vezes) o canário na mina que mede a robustez da liberdade de expressão. Exagera, portanto é o primeiro a ser coartado. Ou seja, quanto mais livre ele se mantiver, mais liberdade teremos nós.

Ricardo Araújo Pereira
(apud MORAIS-ALEXANDRE, 2023, s.p.)

Introdução

Falar sobre António – ou melhor escrever –, sobretudo sobre sua obra, é uma tarefa relativamente fácil, já que se trata de um dos mais relevantes cartoonistas mundiais. Importa antes demais estabelecer uma genealogia, não genética, mas dos seus “antepassados” e “familiares” na arte a que se dedica, sendo obrigatório referir, desde logo, o muito relevante trabalho de Raphael Bordallo Pinheiro, numa linha onde haverá que citar outros autores como Leal da Câmara, Amarelhe, Stuart de Carvalhais,

José de Lemos ou João Abel Manta, importando ainda citar os contemporâneos de António, com atividade antes e depois da Revolução de Abril de 1974, Augusto Cid e José Vilhena e, até, a geração que mais recentemente se vem afirmando e com a qual o autor convive e expõe em conjunto, que inclui autores como André Carrilho, Cristina Sampaio, João Fazenda e Nuno Saraiva¹.

Numa altura em que as matérias da caricatura são fonte de investigação e publicação científica por parte de centros de investigação e universidades, interessa referir que os investigadores já estão a produzir dissertações de mestrado e teses de doutoramento a respeito destas obras, ou relativamente a seus aspetos que se consideram relevantes, sendo disto os melhores exemplos os trabalhos sobre Raphael Bordallo Pinheiro, Leal da Câmara, José Vilhena ou João Abel Manta. A produção de Raphael Bordallo Pinheiro foi dissecada e alvo de análise num número muito significativo de teses de doutoramento, a propósito da circulação das caricaturas – *Bordalo Pinheiro, Monteiro Lobato e a circulação (inter)nacional de caricaturas* (FERRARI, 2018); da representação feminina – *Imagens da mulher n'A Paródia (1900-1905): a ironia na voz de Bordallo Pinheiro* (GUIMARÃES, 2020); ou da memória do teatro – *Rafael Bordallo Pinheiro imagens e memórias de teatro : um estudo sobre a teatralidade na iconografia bordaliana* (LOPES, 2009). Leal da Câmara foi objeto

¹ Veja-se como exemplo a exposição realizada quando do certame *Cartoon Xira – 2022* (CARTOON..., 2022).

de estudo em *O desenho caricatural de Leal da Câmara na colecção da Casa-Museu da Rinchoa: 1895-1915* (BERNARDINO, 2008). José Vilhena, por sua vez, foi alvo de uma primeira dissertação de mestrado realizada por Rui Zink – *O humor de bolso de José Vilhena* (ZINK, 1989; 2001), sendo depois, sob orientação deste investigador, produzida uma segunda dissertação subordinada à epígrafe *A edição e a revolução: o caso da revista Gaiola Aberta, de José Vilhena* (GOMES, 2008). A obra de João Abel Manta foi também tema de uma dissertação de mestrado em Desenho apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa sob a epígrafe de *Os cartoons de João Abel Manta* (ALCOBIA, 2009). Falta agora fazer o mesmo relativamente à obra de Augusto Cid e, sobretudo, à de António, embora neste último caso já exista um conjunto relativamente importante de obras que documentam a sua obra, mas continua a faltar objetivamente uma análise crítica de vulto à mesma. Assim, embora várias obras publiquem o trabalho de António, fica a faltar esse reconhecimento pela Academia, não obstante a exposição realizada no EspaçoArtes – Politécnico de Lisboa e no espaço de exposições da Escola Superior de Comunicação Social, que se considera o primeiro passo nesse sentido².

² O Politécnico de Lisboa promoveu uma exposição da obra de António Antunes sob a designação de *António, o cartoonista* no seu EspaçoArtes e na sala de exposições da unidade orgânica Escola Superior de Comunicação Social, aberta ao público entre 31 de maio e 14 de julho de 2023. (ANTÓNIO..., 2023b).

Acresce que o caso de António é muito diferente de todos os outros cartoonistas portugueses, dado que é efetivamente o único que atingiu relevância mundial, quer pelos prémios recebidos, quer pela circulação internacional dos seus trabalhos, quer pelas polémicas nacionais e internacionais que os seus cartoons têm motivado, quer ainda pelo seu marcante dinamismo na divulgação do Cartoon, não só os da sua autoria, mas dos autores mais pertinentes que se dedicam a esta forma de Arte tanto em Portugal como noutros países.

Os primórdios e a sua atividade na imprensa

Iniciou a carreira como cartoonista no diário lisboeta *República*, com a publicação de um primeiro cartoon no dia 16 de março de 1974, quando o “Movimento dos capitães” já estava em curso, exatamente no dia do “Levantamento das Caldas” que anunciava o 25 de abril³.

Foi também nesse dia que fortuitamente nasceria o “António”. Efetivamente não estando esse primeiro desenho

³ No dia 16 de março de 1974 uma companhia do Regimento de Infantaria nº 5, sediado nas Caldas da Rainha, marchou sobre Lisboa, sob o comando do major Armando Ramos, numa primeira tentativa de derrubar o governo liderado por Marcello Caetano, sendo o golpe abortado por falta de apoio de outras forças militares, mas pré-anunciando a revolução de 25 de abril de 1974. (INSUBORDINAÇÃO..., 1974, p. 17).

assinado, o chefe de redação do jornal, Álvaro Guerra, terá dito: “Não sei como é que ele quer assinar, mas sei que se chama António. Põe-se isso, que é melhor que nada. Depois logo se vê.”. Agora nas palavras do próprio António: “Saiu o primeiro, o segundo, o terceiro, e ficou assim.” (ANTÓNIO, 2019)

De suas primeiras obras, há a salientar a banda desenhada *Kafarnaum*, publicada no semanário *Expresso* e posteriormente reunida em livro (ANTÓNIO, 1976), que sintetiza o período pós-revolução designado como PREC⁴ – para uns, os mais engajados, “Processo revolucionário em curso”, para outros, mais críticos, “Processo revolucionário eventualmente chocante”⁵ (Figura 1).

Importa escarpelizar um pouco a ligação de António ao jornal *Expresso* desde 1974 e onde continua a publicar.

4 “A lógica deste álbum é a do caldeirão, o caldeirão é o PREC. Nascido a 4 de Novembro de 1975, o KAFARNAUM sobreviveu, apesar de não ter recolhido as cinco mil assinaturas para se transformar em partido legal, apesar de não ter fundado nenhuma associação de amizade Portugal-KAFARNAUM, apesar de não ter conspirado nenhum golpe de estado, nem tampouco ter sido consultado com vista à elaboração de pactos, relatórios, auto-críticas revolucionárias, etc.

Os comentadores que vão surgindo ao longo do enredo (?) cumprem a estrita missão de meter na ordem - embora kafarnaúnica, mas ordem, contudo - os ingredientes que, do interior do caldeirão, são servidos a um Zé Povinho cada vez menos semelhante ao que Bordalo Pinheiro criou, baseado no PREC do século passado.” (António, 1976.)

5 Augusto Cid publicaria três álbuns de cartoons com a sua visão sobre esta época conturbada e os seus mais relevantes protagonistas. (CID, 1977; 1978; 1980).

Trata-se do principal periódico português, a todos os níveis, pela tiragem semanal, pela qualidade dos colaboradores, mas sobretudo pela intervenção que tem feito na sociedade portuguesa quer antes, quer depois da revolução do 25 de abril. Neste semanário, António tem a confiança dos vários diretores, que lhe dão a inteira liberdade de escolher semanalmente um tema nacional ou internacional que queira caricaturar (ANTÓNIO, 2023a), salientando-se que, nas várias polémicas que provocou e vai provocando, teve e tem sempre a total solidariedade daquela instituição.

Não obstante, a sua atividade na imprensa não se limita ao *Expresso*, assim, as caricaturas de António foram igualmente publicadas em vários outros periódicos, como o matutino *Diário de Notícias*, os vespertinos *A Capital* e *Diário Popular*, ainda o semanário *Vida Mundial*, curiosamente numa altura em que era dirigido pela escritora Natália Correia, bem como no *Courrier International*. Chegou ainda a colaborar episodicamente com a Radiotelevisão Portuguesa (RTP), de onde saiu pela inadmissível tentativa de interferência nos seus critérios editoriais (ANTÓNIO, 2023a).

[FIGURA1]

António, Kafarnaum, 1975



Fonte: Acervo António Antunes.

Cronista da história de Portugal

Ao longo de quase cinquenta anos, os cartoons de António registam os mais importantes momentos da história do mundo, mas também da terceira república de Portugal, a começar pelo que se pode considerar o momento chave do seu ato fundacional, a rendição do presidente do conselho de ministros, Marcello Caetano, ao general António de Spínola no quartel do Carmo, em Lisboa, inspirando-se para tal na conhecida pintura de Diego Velasquez, *A rendição de Breda* (Figura 2).

Os mais relevantes acontecimentos do país, desde a adesão à União Europeia, o referendo à regionalização, passando pelo escândalo da pedofilia na Igreja Portuguesa e os seus protagonistas, foram alvo dos desenhos de António, sendo interessante verificar a forma como retratou os autores da Revolução de 1974 e o período subsequente, com os intervenientes Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Lourenço

ou Vasco Gonçalves. Depois retratou os promotores do 25 de novembro de 1975, em que uma figura se destacou e que permaneceria na cena política: o general Ramalho Eanes, depois eleito presidente da República; e os primeiros políticos da democracia, uma geração absolutamente notável, onde pontuavam Diogo Freitas do Amaral, Álvaro Cunhal, Sá Carneiro, precocemente falecido, o líder do governo regional da Madeira, Alberto João Jardim, e, sobretudo, Mário Soares – talvez o protagonista mais representado, mas tal também correspondeu à importância e extensão da sua ação pública, primeiro como ministro dos negócios estrangeiros no primeiro governo provisório, duas vezes primeiro-ministro, deputado, líder da oposição, presidente da república em dois mandatos e, já octogenário, deputado europeu e candidato derrotado em novas eleições presidenciais (Figura 3). Num momento seguinte, o surgimento em cena de novas gerações de políticos portugueses, como Cavaco Silva, António Guterres, Paulo Portas, Jerónimo de Sousa ou Pedro Santana Lopes.

[FIGURA2]

António, A rendição do Carmo
(D'après Velasquez), 1974



Fonte: Acervo António Antunes.

[FIGURA3]

António – O regresso ao futuro, 2005



Fonte: Acervo António Antunes.

Será também interessante, mas agora para o crítico ou historiador de arte, analisar as primeiras caricaturas de protagonistas recém-entrados em cena e depois a sua evolução e “fixação” enquanto personagens, nomeadamente através da criação de atributos iconográficos próprios, que depois serão replicados em futuros cartoons, sendo disso um bom exemplo o cartoon que realizou alusivo à coligação parlamentar entre o Partido Comunista Português, o Partido “Os Verdes” e o Bloco de Esquerda, que ficou

conhecida como “Geringonça”, que permitiu a António Costa, o secretário-geral do Partido Socialista, formar governo depois de ter perdido as eleições para o Partido Social Democrata. O cartoon representa a líder parlamentar do Partido “Os Verdes”, Heloísa Apolónia, o secretário-geral do Partido Comunista Português, Jerónimo de Sousa, e a coordenadora da comissão política do Bloco de Esquerda, Margarida Martins, com a “Geringonça” a ser inspirada na célebre “Passarola”, um aerostato miticamente criado no século XVIII pelo padre Bartolomeu de Gusmão (VICOMTE DE FARIA, 1911; FIOLEHAIS, 2011), aqui com a cabeça de António Costa (Figura 4).

[FIGURA4]

António – Passarola, 2015



Fonte: Acervo António Antunes.

Da repercussão internacional à responsabilidade do cartoonista

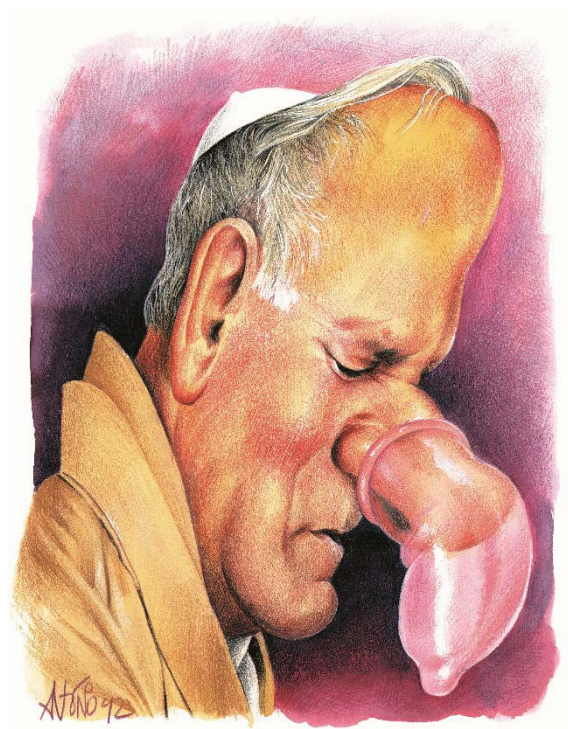
A internacionalização da obra de António é uma evidência da sua relevância, devida não apenas aos certames em que apresenta os seus trabalhos, os mais notáveis a nível mundial, mas também pela

disseminação internacional que estes têm a imprensa, sendo distribuídos, por exemplo, nos Estados Unidos da América pelo importante Cartoonists & Writers Syndicate, uma divisão da CartoonArts International.

A sua obra vai tendo particular repercussão e mediatização, a que não são alheias as polémicas derivadas dos cartoons que vai publicando, a propósito de eventos mundiais a que assiste e que tantas vezes o revoltam. Veja-se o impacto do seu cartoon a propósito do campo de refugiados palestinianos de Shatila, que provocadoramente foi baseado na fotografia do rapaz do gueto de Varsóvia, uma das mais emblemáticas relativas ao Holocausto, que renomeou como “O gueto Varsóvia em Shatila”, valendo-lhe um prémio de dimensão mundial, o Grande Prémio do Salão Internacional de Cartoon de Montreal, Canadá, 1983, mas também a ira da comunidade judaica. A publicação de uma representação do papa João Paulo II com um preservativo pendurado do nariz, “Preservativo papal” (Figura 5), motivada por declarações deste pontífice contra a contraceção, provocou uma enorme indignação junto da comunidade católica. O escândalo mais recente foi provocado pela publicação de uma caricatura do presidente Trump, intitulada de “Pax canina” no *The New York Times*, de tal forma consequente, que motivou que este periódico deixasse de publicar caricaturas (“THE NEW YORK...”, 2019), com prejuízo óbvio dos seus leitores e um empobrecimento claro da linha editorial, sendo também evidente a perda neste periódico de uma função fulcral da imprensa, a de fomentar um pensamento crítico nos seus leitores, algo que se vai perdendo com a acefalia do politicamente correto.

[FIGURA 5]

Antônio – Preservativo Papal, 1992



Fonte: Acervo Antônio Antunes.

Paul Conrad, um dos mais respeitados cartoonistas mundiais, vencedor de três prémios Pulitzer, ter-se-á queixado que “There is too much illustrating of the news these days. I look at many editorial cartoons and I don’t know what the cartoonists are saying or how they feel about a certain issue” (PAUL..., 2018). Não há tal na obra de Antônio. Sabemos muito bem o que pensa relativamente aos assuntos que trata nas suas caricaturas.

Não se exime nem se isenta de exprimir de que lado da barricada está. Assim, não se limita a olhar, mas intervém, com escolhas próprias, com as quais se pode concordar ou, pelo contrário, discordar totalmente, mas no fundo é esse o papel dos cartoons políticos: incomodar as consciências normalmente

descansadas e fazer pensar. A este respeito será de relembrar o que disse Umberto Eco:

Political satire is a serious thing. In democratic newspapers throughout the world there are daily cartoons that often are not even funny, as is the case especially in many English-language newspapers. Instead, they contain a political message, and the artist takes full responsibility. [...] Our most noted satirists are true columnists and their opinions can be worth more than any well-documented exposé. And whatever they say in jest is taken seriously. (ECO, 2022).

Numa entrevista dada a Luís Humberto Marcos, por ocasião da exposição de comemoração dos 25 anos de atividade como cartoonista, no Museu da Imprensa, António teve ocasião de esclarecer um ponto muito relevante para a compreensão da sua obra, relativo à sua militância política, sendo claramente e linearmente afirmado que é “[...] um militante do regime democrático [...]”, um regime que considera, apesar de “[...] todos os defeitos, e são muitos [...]” ainda ser o melhor que conhece (ANTÓNIO, 2000c). Há, assim, um engajamento, uma luta pela justiça em que acredita, em que se empenha, que assume e pela qual dá a cara, o que lhe tem valido muitos dissabores, mas também o reconhecimento, do qual um marco maior é a condecoração, pelo presidente da República Portuguesa e seu antigo diretor no *Expresso*, Marcelo Rebelo de Sousa, com a Ordem da Liberdade (CONDECORAÇÕES..., 2023).

Artista plástico e designer visual

A fama de António não deriva apenas de uma obra “escandalosa”. Isso não é verdade. A fama deriva da qualidade dos seus cartoons, da sua acuidade, da forma como faz a sua caricatura, encontrando conexões que outros não estabeleceram, como o aproveitamento da mancha que o líder soviético Gorbatchov tinha na testa e que o cartoonista transformou numa mapa-mundo (Figura 6).

[FIGURA 6]

António – Gorbatchov, 1985



Fonte: Acervo António Antunes.

António, através dos seus desenhos, leva quem os vê a uma magnífica compreensão de quem é representado, como o caso da emblemática galeria de caricaturas

de escritores portugueses, onde soube captar a essência dos retratados⁶, não apenas nas suas características morfológicas, mas possibilitando mesmo uma leitura global, holística, da personalidade retratada, ajudando o observador a ter uma ideia da própria essência dos seus defeitos e virtudes, permitindo, no limite, até uma leitura psicológica, sendo disso exemplar a caricatura que fez de Natália Correia (Figura 7). Nem sempre as caricaturas que realizou foram bem aceites pelos representados, caso da última obra referida, que lhe valeu a zanga da escritora, que deixou, para sempre, de lhe falar (ANTÓNIO, 2023a). Comportamento completamente diferente teve o presidente da República Portuguesa, Mário Soares, um dos alvos preferidos dos cartoonistas, o que aliás muito o honrava⁷, que promoveu, em junho de 1995, no palácio de Belém, residência oficial do presidente da República, a exposição *20 anos de Democracia Satírica: Mário Soares visto por caricaturistas*, onde, obviamente, um núcleo significativo de obras era da autoria de António (SOUSA, 1995, pp. 60-73).

Um aspeto que importa não escamotear, que é mais raramente focado, é a análise da obra de António enquanto arte, ou seja, como instaurador plástico e como tal reconhecido, como o provam as muitas exposições individuais internacionais

que já realizou, das quais se destacam, entre várias, as mostras do Rio de Janeiro, Dusseldorf, Macau, Madrid ou Paris, tendo a sua obra sido já alvo da publicação de várias antologias como *20 anos de desenhos* (ANTÓNIO, 1994), *Desenhos satíricos: 1974-2000* (ANTÓNIO, 2000b), *António, 25 anos de cartoon* (ANTÓNIO, 2000a), *Figuras, figurinhas e figurões: 40 anos de caricatura de António* (ANTÓNIO, 2015); tendo ainda as suas obras integrado as compilações *The finest international political cartoon of our time* (SZABO, 1992; 1993) e *Cartoonometer* (SZABO, 1994).

[FIGURA 7]

António – Natália Correia, 1988



Fonte: Acervo António Antunes.

A este respeito não será alheia a sua formação na Escola António Arroio, na área da pintura, onde teve notáveis professores como João Vieira, ou Dorita Castel-Branco, que lhe deram uma sólida formação na esfera das artes plásticas e onde, paralelamente a uma representação mais naturalista, obrigatória dos currículos escolares, era estimulada a experimentação, surgindo assim naturalmente a exploração da caricatura enquanto linguagem artística. Relembre-se que a experimentação da caricatura enquanto pesquisa plástica e arte

⁶ Um conjunto alargado destas obras foi exposto sob a designação de *Entrelinhas*, no Espaço Cultural Cinema Europa em Lisboa, nos meses de novembro e dezembro de 2019 (EXPOSIÇÃO..., 2019).

⁷ “Ao longo destes mais de vinte anos de democracia, tenho sido um dos alvos privilegiados da nossa democracia satírica, o que muito me honra.” (SOARES, 1995, p. 4).

era já bem comum desde o Renascimento, tendo esta forma de arte cultores tão relevantes como Leonardo da Vinci, Goya ou Honoré Daumier⁸. É, também, muito revelador que um dos momentos mais marcantes na viragem na arte portuguesa para o modernismo, que aliás marca o seu início, tenha sido exatamente o *I Salão dos Humoristas*, inaugurado em 9 de maio de 1912, no Grémio Literário, onde pontuavam, não só caricaturistas, mas muitos dos artistas plásticos que levariam à transformação do panorama artístico do país, como Jorge Barradas ou Almada Negreiros (FRANÇA, 1985).

Há ainda que referenciar que António tem uma atividade continuada na esfera do design visual, mas também na área da escultura, com um número de obras significativas produzidas, elegendo como materiais privilegiados a cerâmica e o bronze.

Realizou já um conjunto de obras onde alia a caricatura à escultura, quer de políticos que retratou, como os presidentes da república Ramalho Eanes e Mário Soares, este objeto de várias caracterizações, como Diabo ou Buda, mas também Sigmund Freud, ou Fernando Pessoa a quem, de tempos a tempos, regressa. Não se fica, no entanto, pela representação de meras personagens políticas ou históricas nas suas peças, o planeta preocupa-o e a sua obra *Sede de Água* – onde, de uma torneira, sai uma última gota de água com o perfil de um globo terrestre (Figura 8), – é exemplar a forma de manifestar escultoricamente a sua militância por um planeta mais sustentável, que aliás merece claramente a

passagem para uma escala monumental e uma implantação urbanística.

[FIGURA 8]

António – *Sede de água*



Fonte: Acervo António Antunes.

Paralelamente às suas publicações, António continua, por conseguinte, a produzir obra escultórica, quer em medalhística, quer de vulto perfeito, que vai expondo em galeria, como na CNAP – Galeria de Arte de Lisboa. Foi o reconhecimento da qualidade inusitada do seu trabalho, enquanto escultor, que lhe valeu uma encomenda para uma obra pública, o monumento a Álvaro Guerra (Figura 9), que é absolutamente exemplar do que, num país parco de escultura contemporânea monumental e pública, deve ser uma obra com implantação urbanística, valendo mesmo a pena confrontar esta obra com outras de recente criação a vários níveis, desde a qualidade da obra, a capacidade de captar o homenagem, o aspeto inovador da representação, ao local onde está colocada, aspetos que bem poderiam funcionar como um manual de como se deve fazer arte pública.

⁸ Veja-se a este respeito: ALEXANDRE (1892).

[FIGURA9]
António – Álvaro Guerra, 2016



Fonte: Acervo do autor.

António foi ainda o responsável por todas as obras de arte existentes na estação do aeroporto do Metropolitano de Lisboa (Figura 10). Esta obra, também ao nível da arte pública, tem características, dimensão, visibilidade, que importa estudar, sendo um caso muito raro em termos mundiais (EL METRO..., 2017), tendo servido de exemplo para a decoração da estação de metropolitano “Zapata” em Ciudad de Mexico que seria, posteriormente, em 2017, consagrada à caricatura.

A respeito desta obra monumental Joaquim Vieira fez uma análise magistral, filia-a e compara-a ao momento mais relevante de toda a história da caricatura portuguesa até então, a publicação do famoso Álbum de Glórias do já referido Raphael Bordallo Pinheiro (VIEIRA, 2013). Tal paralelo é, sem dúvida, uma honra maior, já que é comparado e comparável ao que de melhor alguma vez se produziu em Portugal em termos de caricatura. Efetivamente o Álbum de Glórias foi, talvez até ao presente, o momento mais relevante da caricatura portuguesa, com a publicação iniciada em março de 1880, composta por folhetos com litografias de caricaturas dos mais insignes portugueses desse tempo, acompanhados de textos de

Guilherme de Azevedo, assinados com o pseudónimo de “João Rialto” que, mais tarde, viriam a ser compilados sob a supramencionada designação (FRANÇA, 1969). Assim, quando António fez um apanhado dos maiores vultos portugueses de diversas áreas, da política ao desporto, passando pela cultura⁹, que ficaram de alguma forma ligados à cidade de Lisboa, porque nela nasceram, habitaram ou tiveram a sua atividade profissional, renovou esse mesmo álbum de glórias com verdadeiros portugueses notáveis, neste caso e ao contrário de vários dos caricaturados por Raphael, com alguns bem “inglórios” e cheios de telhados de vidro.

[FIGURA10]
**Estação de Metro “Aeroporto de Lisboa”.
 Caricaturas de António – Stuart Carvalhais
 e Amadeo de Souza-Cardoso, 2012**



Fonte: Acervo António Antunes.

⁹ “O critério de selecção – sempre complexo e difícil neste tipo de circunstâncias – incidiu sobre pessoas relacionadas com a capital portuguesa que se notabilizaram nos seus ramos de actividade, se notabilizaram e, como diria o vate, da lei da morte se foram libertando.” (VIEIRA, 2013, p. 12).

Há, também, que referir o número e a escala: são cinquenta os retratados e a escala é aumentada, com cerca de dois metros de altura cada representação. A qualidade das figuras é notável, com os vultos patenteados a ser facilmente identificáveis através das suas características fisionómicas, como as sobrancelhas negras do político Álvaro Cunhal, ou a peculiar face da pintora Maria Helena Vieira da Silva, ou através de atributos iconográficos sabiamente escolhidos, como o cachimbo e a elegância proverbial de David Mourão-Ferreira, os óculos do escritor Vitorino Nemésio ou o hidroavião de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A emblemática obra *Os galgos* permite reconhecer o pintor Amadeo de Souza-Cardoso e a característica boina identifica o pintor e dramaturgo Almada Negreiros, também representado com uma das suas obras que inclui duas das personagens que o retratado tanto acarinhava, Arlequim e Colombina¹⁰ (Figura 11).

A ligação de António a Raphael Bordallo Pinheiro é de tal maneira natural que, aquando da inauguração da já mencionada Estação do Metro “Aeroporto”, o Museu que leva o nome deste último caricaturista, em Lisboa, apresentou a exposição *A viagem: caricaturas de António*¹¹, com os esboços e a preparação para a criação da estação, sendo também curiosa a ligação de ambos os autores pela escultura em cerâmica que levou, aliás, a Fábrica Bordallo Pinheiro a editar com sucesso os *Figurões* de António, uma coleção de tiragem limitada

¹⁰ A representação da obra baseia-se numa ilustração de Almada Negreiros publicada na capa do periódico *Ilustração* (16 fev. 1929).

¹¹ A exposição esteve aberta ao público entre 27 de julho e 31 de outubro de 2012.

onde pontuam não só notáveis portugueses como Fernando Pessoa, Amália Rodrigues, Eusébio ou Mário Soares, mas também Mick Jagger (Figura 12).

[FIGURA11]

António – Almada Negreiros, 2012



Fonte: Acervo António Antunes.

[FIGURA12]

António – Mick Jagger.
Edição Fábrica Bordallo Pinheiro



Fonte: Acervo António Antunes.

António fundou o ateliê de design Arte Final – Design e Publicidade, dedicado ao design visual e tem, neste âmbito, muito trabalho concretizado, aliás, algumas das suas primeiras obras foram realizadas exatamente na esfera do design gráfico. Como o próprio refere, em tempos anteriores à Revolução de 74 “[...] eu fazia os cartazes para os concertos comício na Cooperativa Alves Redol, com os autores da oposição, em Vila Franca de Xira.” (AVÓ, 2019). Trata-se de uma área que jamais abandonou, sendo autor de uma obra bem profusa, entre a qual avultam algumas criações bem conhecidas, como maço de tabaco “Português Suave”, ou a embalagem das cigarrilhas “Real Feytoria” (AVÓ, 2019).

Voltando às questões artísticas, há a certeza que António inova, e muito, a vários níveis e que a sua obra é absolutamente instauradora. Deste modo, há um trabalho de autoria facilmente reconhecível e diferente de todos os seus colegas de profissão: sabe-se que é um cartoon seu, quer pela abordagem das diversas temáticas, feita tantas vezes de forma fraturante, daí tantas polémicas em que tem estado envolvido, criando a cada semana um novo cartoon, quer pelo próprio traço, tão característico e marcadamente autoral.

A divulgação do cartoon

O trabalho de António, na esfera do cartoon, tem ainda outras extensões, nomeadamente na sua divulgação, quer a nível nacional, quer internacional, sendo de citar o marcante certame que organiza anualmente no município onde nasceu, o *Cartoon Xira*,

que expõe o melhor que de caricatura se publicou em Portugal a cada ano e homenageia ainda um cartoonista de relevo mundial, tendo já passado pelo espaço da mostra a obra de autores como Quino, Cau Gomez, entre outros (CARTOON..., 2021).

É, também, o responsável pela coordenação e organização do *World Press Cartoon*, de que é fundador, um dos mais relevantes fóruns mundiais de exposição e divulgação desta forma de Arte e de Jornalismo.

Infelizmente este relevante festival foi várias vezes incompreendido pelo poder político, talvez pela falta de sentido de humor vigente ou, mais provavelmente, pelo incómodo produzido pelas caricaturas que a cada ano são apresentadas. Trata-se de um salão que expõe e premeia o que de melhor se produz mundialmente em termos de humor gráfico de imprensa, destacando os melhores cartoons nas áreas da caricatura, cartoon editorial e desenho de humor. António traz anualmente a Portugal os mais importantes cartoonistas mundiais e, sobretudo, as suas obras, das quais deriva uma exposição com todos os cartoons admitidos a concurso.

Vem também a ser convidado a ser júri nos mais prestigiados salões e concursos de caricatura, quer em Portugal, quer fora, em diversos países como o Brasil, Turquia, Grécia, entre vários outros.

Conclusão

António é um cartoonista muito dinâmico, com uma produção já muito longa

e significativa, a fazer cinquenta anos como profissional, que passou por várias polémicas, algumas, como a do *The New York Times*, de relevância mundial – mas um cartoonista sem polémicas é, objetivamente, um cartoonista medíocre. Através dos seus cartoons lutou sempre pelo que acreditava, nomeadamente pela Democracia, pela Justiça e pela Liberdade. Foi muitas vezes incompreendido, outras tantas galardoado e reconhecido, mas agitou sempre as consciências de todos quantos viram o seu trabalho, não deixando ninguém neutro, ou indiferente. Importa, por fim, afirmar a relevância da sua obra como criador e artista que é e que se considera ficar provado pelo presente texto. Resta esperar pelas próximas polémicas que as suas obras vão, sem dúvida, protagonizar e aguardar pelos próximos cartoons que continuará a publicar. ■

[PAULO MORAIS-ALEXANDRE]

Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa; Investigador do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos).
E-mail: pmorais@estc.ipl.pt

Referências

ALCOBIA, Telmo. **Os cartoons de João Abel Manta**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

ALEXANDRE, Arsène. **L'art du rire et de la caricature**. Paris: Ancienne Maison Quantin, 1892.

ANTÓNIO. **Kafarnaum**. Lisboa: Jornal Expresso, 1976.

ANTÓNIO. **20 Anos de desenhos**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

ANTÓNIO. **António, 25 anos de cartoon**. Porto: Museu Nacional da Imprensa, 2000a.

ANTÓNIO. **Desenhos satíricos: 1974-2000**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000b.

ANTÓNIO. Entrevista. [Cedida a Luís Humberto Marcos]. **António: 25 anos de Cartoon**. [Catálogo da Exposição.] Porto: Museu Nacional da Imprensa, 2000c.

ANTÓNIO. **Figuras, figurinhas e figurões: 40 anos de caricatura de António**. Caldas da Rainha: Gazeta das Caldas; Cooperativa Editorial Caldense, 2015.

ANTÓNIO. Entrevista. [Cedida a Nuno Pacheco]. **Público**, Lisboa, 25 jul. 2019.

ANTÓNIO. **Viva voce**. Lisboa: 1 mar. 2023a.

ANTÓNIO, o cartoonista. [Catálogo da Exposição.] Lisboa: EspaçoArtes – Politécnico de Lisboa, 2023b.

AVÓ, César. António: “Após a história do NY Times recebi a maior coleção de insultos”. **Diário de Notícias**, Lisboa, 14 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3YRIAIW>. Acesso em: 28 ago. 2023.

BERNARDINO, Arminda. **O desenho caricatural de Leal da Câmara na colecção da Casa-Museu da Rinchoa: 1895-1915**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

CARTOON Xira. **VFX: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira**, Vila Franca de Xira, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3ORRZvG>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CARTOON Xira 2022. **Bandas desenhadas: banda desenhada ilustração e cultura pop**, [S.l.], 8 abr. 2022. Disponível em <https://bit.ly/3LOWxia>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CID, Augusto. **PREC**: Processo revolucionário eventualmente chocante. Lisboa: Verbo, 1977.

CID, Augusto. **PREC II**. Lisboa: Intervenção Editora, 1978.

CID, Augusto. **O fim do PREC**. Lisboa: Intervenção Editora, 1980.

CONDECORAÇÕES no Palácio de Belém. **Sítio Oficial de Informação da Presidência da República Portuguesa**, [S. l.], 11 abr. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/47T9zYE>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ECO, Umberto. Don't smile when you say that. **The Guardian**, London, 22 jun. 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2002/jun/22/umbertoeco>. Acesso em: 28 ago. 2023.

EL METRO Zapata se convertirá en un museo de la caricatura mexicana. **Código Espagueti**, [S. l.], 24 maio 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3KWUUi>. Acesso em: 28 ago. 2023.

EXPOSIÇÃO 'Entrelinhas' em Lisboa de António Antunes. **O Guia – Guia da Cidade**, [S. l.], 9 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3qGwRk1>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FERRARI, Danilo Wenseslau. **Bordalo Pinheiro, Monteiro Lobato e a circulação (inter)nacional de caricaturas**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

FIOLHAIS, Carlos. Bartolomeu de Gusmão e o seu balão. In: FIOLEHAIS, Carlos *et al.* **Bartolomeu Lourenço de Gusmão: o padre inventor**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2011.

FRANÇA, José-Augusto. Prefácio. In: Raphael Bordallo Pinheiro *et al.* **Álbum das glórias** [Edição fac-similada]. Lisboa: Moraes Editores, 1969.

FRANÇA, José-Augusto. **A arte em Portugal no século XX**. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1985.

GOMES, Carlos Manuel de Sousa. **A edição e a revolução: o caso da revista Gaiola Aberta**, de José Vilhena. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.

GUIMARÃES, João Paulo Duque Löbe. **Imagens da mulher n'A Paródia (1900-1905): a ironia na voz de Bordallo Pinheiro**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade de Évora, Évora, 2020.

ILUSTRAÇÃO, Lisboa, n. 76, 16 fev. 1929.

INSUBORDINAÇÃO abortada: marchou sobre Lisboa uma companhia do Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha. **Diário de Lisboa**, Lisboa, ano 53, n. 18400, 17 mar. 1974.

LOPES, Maria Virgílio Cambraia. **Rafael Bordalo Pinheiro, imagens e memórias de teatro:** um estudo sobre a teatralidade na iconografia bordaliana. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Artísticos / Estudos de Teatro) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

PAUL Conrad quotes. **BrainyQuote**, [S. l.], 12 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3EfHJbu>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MORAIS-ALEXANDRE, Paulo. “António – O Cartoonista”. In: **António, o cartoonista**. [Catálogo da Exposição.] Lisboa: EspaçoArtes – Politécnico de Lisboa, 2023

SOARES, Mário. Prefácio. In: SOUSA, Osvaldo de (coord.). **20 anos de democracia satírica:** Mário Soares visto por caricaturistas. Lisboa: Presidência da República, 1995.

SOUSA, Osvaldo de (coord.). **20 anos de democracia satírica:** Mário Soares visto por caricaturistas. Lisboa: Presidência da República, 1995.

SZABO, Joe (ed.). **The finest international political cartoon of our time**. North Wales: WittyWorld Books, 1992.

SZABO, Joe (ed.). **The finest international political cartoon of our time II**. North Wales: WittyWorld Books, 1993.

SZABO, Joe (ed.). **Cartoonometer**. North Wales: WittyWorld Books, 1994.

“THE NEW York Times” elimina cartoons da edição internacional após polémica que envolveu o português António. **Expresso**, Lisboa, 11 jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3qXH7nP>. Acesso em: 28 ago. 2023.

VICOMTE DE FARIA. **Bartholomeu Lourenço de Gusmão:** inventeur des aérostats. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1911.

VIEIRA, Joaquim. O novíssimo álbum das Glórias. In: ANTUNES, António. **Caricaturas do Metro Aeroporto**. Lisboa: Documenta, 2013.

ZINK, Rui. **O humor de bolso de José Vilhena**. 1989. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1989.

ZINK, Rui. **O humor de bolso de José Vilhena**. Lisboa: Celta. 2001.